

CIÊNCIA GÓTICA E TRANSGENERIDADE: UMA ANÁLISE DE ESFINGE, DE COELHO NETO

GOTHIC SCIENCE AND TRANSGENDERISM: AN ANALYSIS OF COELHO
NETO'S ESFINGE

Lucas Brasil Sousa Coutinho¹
Naiara Sales Araújo²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo construir uma análise da obra *Esfinge*, do maranhense Coelho Neto, aprofundando-se em detalhes nas suas características góticas e no cientificismo provindo da *Belle Époque*. Destaca-se também a abordagem do tema da transgeneridade como tópico insólito na leitura e suas repercussões no decorrer do tempo e espaço. Para tanto, foram utilizados como base teórica os estudos de Roberto de Sousa Causo (2003), Maurício Cesar Menon (2007) e Edith Modesto (2013), dentre outros. A partir da análise verifica-se o caráter atemporal da obra bem como sua representatividade pertencente ao fantástico e verossimilhante aos dias atuais. Percebe-se ainda que Coelho Neto buscou na narrativa gótica um ambiente propício para explorar temas que eram considerados tabus ou difíceis de discutir abertamente na sociedade da época.

Palavras-chave: Esfinge; transgeneridade; gótico.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the work *Esfinge*, by Coelho Neto, from the state of Maranhão, delving into its Gothic characteristics and the scientificism of the *Belle Époque*. It also focuses on the theme of transgenerism as an unusual topic in the reading and its repercussions over time and space. To this end, the studies of Roberto de Sousa Causo (2003), Maurício Cesar Menon (2007) and Edith Modesto (2013), among others, were used as a theoretical basis. The analysis reveals the timeless nature of the work as well as its representation of the fantastic and its relevance to the present day. We can also see that Coelho Neto looked to the Gothic narrative as a suitable environment to explore themes that were considered taboo or difficult to discuss openly in the society of the time.

Keywords: Sphinx; transgenerism; gothic.

1 Introdução

¹ Graduação em Letras Português/Espanhol pela UFMA - Universidade Federal do Maranhão.

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Metropolitana de Londres, Inglaterra. Pós-doutorado em Literatura e Cinema pela Universidade de Granada, Espanha. Professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão -UFMA.

Classificar uma obra de caráter fantástico é um trabalho que não costuma ser simples para quem estuda uma produção considerada pertencente à literatura especulativa. Há diversos teóricos do assunto e, logo, várias possibilidades de abordagem. No entanto, o presente artigo se valerá da tripartição do fantástico que Roberto de Sousa Causo faz em seu livro *Ficção científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), como também das considerações sobre o gótico defendidas por Maurício Cesar Menon em sua tese *Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932* (2007) e outros autores a serem citados.

A obra de Coelho Neto em questão surgiu no início do século XX, mais precisamente em 1908, quando o mundo havia passado e continuava a passar por diversos avanços tecnocientíficos e transformações artísticas e culturais. Era a chamada *Belle Époque*, que tomou forma na Europa e fez o seu caminho até o Brasil, chegando em 1889 junto a Proclamação da República. Em *Esfinge*, Coelho Neto incorpora elementos científicos, cenários e tramas que a destacarão, sobretudo, como uma obra gótica, própria à época da *Belle Époque*. Além disso, pode-se observar que o autor recebeu fortes influências da obra estrangeira de Mary Shelley, *Frankenstein* (1818).

Na narrativa, o leitor pode acompanhar a trajetória de um personagem (narrador) que se muda para uma pensão na zona sul do Rio de Janeiro e ali passa a conviver com diversas pessoas. Dentre elas, a misteriosa figura do inglês James Marian, apelidado de *Boneco* e *Apolo* pelos outros moradores, por possuir rosto feminino e corpo masculino. O narrador se aproxima de James, conquistando sua confiança, e em dado momento é delegada a ele a tarefa de traduzir uma novela do inglês.

Ao ler os manuscritos, o narrador acompanha estranhos eventos que envolvem vivências em um castelo comandado por um cientista oriental e habitado por criaturas enigmáticas. Há também a descrição de experimentos científicos que ultrapassam a compreensão humana e a narração de experiências românticas e sexuais. Todos esses eventos, descobre o narrador, foram acontecimentos verídicos vividos por James Marian e registrados em um diário.

A partir dessa descoberta, a história encontra o seu clímax quando o narrador é incapaz de conceber aqueles fatos como reais e, após uma última visita do inglês ao quarto do narrador para buscar seus manuscritos, esse acaba tendo um colapso e sendo internado em uma clínica de repouso. Tal desequilíbrio mental se deu após descobrir, em uma conversa com outro pensionista, que James havia partido em um navio dois dias antes de sua visita. A obra encerra sem deixar claro se o que aconteceu foi a aparição extracorpórea de alguém ainda vivo ou o resultado da própria imaginação do personagem narrador.

Embora Coelho possa ser alvo de muitas críticas em suas obras por conta de sua linguagem rebuscada, *Esfinge* apresenta uma leitura cheia de significados e reflexões importantes acerca da sexualidade e identidade de gênero, que pautados na ciência e contextualizados no meio social, acabarão por se tornar elementos sobrenaturais na obra ao causar hesitação nos demais personagens e no próprio leitor, principalmente o de 1908, que ainda estava tentando acompanhar todo o progresso pelo qual o mundo estava passando.

Considerando a riqueza literária de *Esfinge*, alguns questionamentos são pertinentes: Como esta história faz-se atual na sociedade? O que significou para seu tempo? É possível dizer que seus acontecimentos ainda causam estranhamento no leitor moderno? Perguntas essas que serão discutidas a seguir.

Assim, o objetivo do presente estudo é analisar a relevância das discussões de gênero abordadas na narrativa e como elas vão ou de encontro - ou em concordância - com as noções

atuais acerca do tema. Atrelado a isso, procura-se investigar como as nuances da identidade e sexualidade da personagem protagonista funcionam na obra de Coelho Neto como elemento insólito capaz de causar o sentimento de hesitação nas personagens e no leitor.

2 O gótico na obra

Os estudos góticos referem-se a uma área acadêmica interdisciplinar que explora as características, influências e significados associados ao estilo gótico em diversas formas de expressão cultural. Originado no século XII na arquitetura medieval, o gótico evoluiu ao longo do tempo, manifestando-se em várias expressões artísticas, literárias e culturais.

Na literatura, destacam-se obras que exploram elementos como o sobrenatural, o misterioso, o grotesco e o terror. Romances góticos do século XVIII, como *O Castelo de Otranto* de Horace Walpole e *O Monge* de Matthew Lewis, ajudaram a estabelecer essa estética. Posteriormente, o gótico floresceu nos séculos XIX e XX, influenciando autores de ficção especulativa tais como Edgar Allan Poe e Mary Shelley.

O conceito de Ficção especulativa tem sido amplamente debatido sem, contudo, haver consenso entre os críticos. Para o presente estudo, utilizaremos a compreensão de Naiara Araújo (2021) para a qual a Ficção Especulativa é uma categoria genérica que amalgama diferentes gêneros tais como o fantástico, a ficção científica, o horror, a fantasia e outros gêneros que exploram os limites do real e do irreal, do natural e do sobrenatural.

De acordo com Roberto de Sousa Causo,

[o] horror é o terceiro pé da ficção especulativa. Suas raízes míticas, é claro, estão no medo natural sentido pelo ser humano em face do universo e do poder destrutivo da natureza. Suas raízes literárias estão no romance gótico. (Causo, 2003, p. 99).

Logo, algumas afirmações acerca de *Esfinge* podem ser feitas. Primeiro, a obra pode ser considerada uma ficção especulativa pertencente ao gênero horror – por se fazer mais presente – que, como dito pelo autor, está diretamente ligado ao gótico por ter sua gênese junto a ele, embora somente isso não seja suficiente para afirmar que o horror sempre será gótico.

Alguns teóricos defendem o romance *O Castelo de Otranto* (1764) como sendo uma das primeiras manifestações fantásticas, senão a primeira. Assim, observa-se que tal obra também é defendida por muitos como a pioneira do horror gótico, o que explicaria a afirmação de Causo sobre o horror possuir suas raízes na obra de Walpole.

Ainda sobre o gótico, Mauricio Cesar afirma:

No século XIX, as histórias góticas passaram a ser mais depuradas, evoluindo para as projeções e conflitos do eu-interior unidos à emocionalidade, revelando o lado obscuro dos seres e também passando a explicitar aspectos de decadência social e moral. Os antigos castelos são substituídos por casarões misteriosos, geralmente em ruínas; as florestas escuras e pantanosas dão lugar às estreitas ruas escuras, cheias de becos, das modernas cidades do século XIX;

a entidade sobrenatural, embora bem vinda, já não se faz necessária como no princípio, pois passa a ser substituída por imagens assustadoras cuja origem está na loucura, alucinações ou pesadelos. (Menon, 2007, p. 24-25).

Aqui é possível começar a vislumbrar os elementos encontrados em *Esfinge*. São estes: a presença de conflitos do eu-interior observadas no inglês James Marian; a aversão moral e sexual que ele causa nos demais ao seu redor; a presença não só de castelos como também de um casarão, representado pela pensão da inglesa Miss Barkley; o jardim da pensão sob a luz das estrelas substituindo as florestas escuras, como fala Menon (2007); e a presença de uma entidade sobrenatural que é substituída pela figura emblemática de uma pessoa real que por vezes realiza aparições tão macabras quanto as de um fantasma ou bruxo.

Atrelados a tudo isso, os elementos científicos tornam-se por sua vez muito evidentes no decorrer da leitura, contrastando com a religião e a filosofia também apresentadas por alguns dos personagens. Uma vez que o gótico, como anteriormente mencionado, surge numa época de avanços da ciência e tecnologia, essas se tornam características frequentes, fazendo surgir a Ciência Gótica, descrita por Bráulio Tavares:

[...] têm um pé na ficção científica, utilizando muitos dos seus aparatos exteriores (cenários, personagens, artefatos) mas que se recusam a lidar com a lógica, a verossimilhança e a plausibilidade científica que os adeptos de ficção científica usam [...] Na ciência gótica, a parafernália tecnológica e a pseudo-racionalização materialista estão a serviço de situações bizarras, grotescas, impressionantes. (Tavares, 2003, p.15).

Portanto, percebe-se que a ciência gótica não se preocupará em explicar detalhadamente a ciência que constrói, deixando espaços abertos e causando maior estranhamento nos leitores que, no Brasil, em sua maioria, possuíam certo temor quanto aos avanços científicos. E é esse temor que possibilita a resignificação dos elementos causadores de medo, antes exclusivamente sobrenaturais, agora tornam-se reais e passíveis de se concretizarem por meio da ciência e da lógica, o que talvez os tornem mais assustadores e aceitáveis ao público mais cético quanto ao sobrenatural.

Causo, por sua vez, ainda irá dizer:

Há ainda na obra elementos distintivos, que o distanciam dos modelos estrangeiros para o romance sobrenatural, especialmente o de forma britânica: os argumentos religiosos que o ligam ao espiritismo, filosofia então muito em voga (e ainda hoje de repercussão sem precedentes, em sua fixação no Brasil, quando comparada ao espaço conquistado em outros países); o peso da paisagem brasileira, e o próprio beletismo de inspiração francesa que tornava tão carregada a escrita de Coelho Neto. Seu exemplo nos permite reavaliar o dilema da incorporação do horror a partir do peso de uma linguagem marcada pelo clichê - embora convoluto e dedicado ao arabesco e ao arcaísmo, o estilo de Coelho Neto em *Esfinge* consegue evitar os clichês do gênero e, no máximo, torna apenas um pouco mais opaca uma narrativa desenvolvida com admirável precisão. Tema e caracterização é que o colocam como uma obra de horror, nem tanto o estilo. (Causo, 2003, p. 116).

Nesse aspecto, podem ser observadas as diversas referências feitas na obra de Coelho Neto quanto à filosofia indiana dos Mahatmas – oriunda de Mahatma Gandhi. Há também citações bíblicas referentes ao cristianismo, ao espiritismo e até mesmo a presença da mitologia grega. E, por fim, contrapondo todas essas com seu ceticismo, a poesia e filosofia do músico Brandt. Observando-se, assim, um duelo entre ciência e religião.

Já sobre o medo, Menon diz:

Um fator, porém, parece ficar evidente: associa-se o gótico ao medo, eterno companheiro do homem, daquilo que é conhecido e também do desconhecido. Sendo assim, é possível afirmar que o gótico expressa o lado mais sombrio do homem – aquele ligado aos terrores, temores e angústias que assolam, de maneira diferente, a qualquer um. (Menon, 2007, p. 27).

Em *Esfinge*, os personagens do narrador e de James Marian são retratados em momentos de angústia, de temores e crises psíquicas – todos os seus lados sombrios. Além desses, dos cenários e demais elementos constituintes do medo, a figura do cientista também se torna ambígua e fator de temor nessas obras. Apesar de, por vezes, serem retratados de modo agradável, para os mais religiosos torna-se questionável a moral de um ser humano capaz de, tal como Deus, criar uma vida tão angustiante e por meios duvidosos.

É o caso de Arhat, o cientista em *Esfinge*, que criou diversos outros seres, como James relata ter avistado. Observa-se que enquanto essa figura do criador é descrita por Marian como um *protetor*, o inglês também se refere a si mesmo como feitura sua, afirmando noutro “eu era para ele como um objeto delicado que se conserva em vitrine. Amor não havia.” (Neto, 1908, n.p.).

Outro elemento de suma importância é a própria pensão, onde todos os personagens vivem e interagem e onde maior parte dos fatos é narrada. Como diz Causo,

[o] terror gótico parece emanar da casa que, como símbolo da psique humana, sugere a idéia do cotidiano assolado pela decadência e pela corrupção. Nesse espaço, a mente perde o controle e se aproxima da loucura. (Causo, 2003, p. 100).

Sabendo disso, pode-se dizer que a pensão e o castelo ilustrados no livro de Coelho Neto, refletem a loucura do narrador e a de James Marian, respectivamente. Visto que até o final da obra a pessoa do narrador parece seguir cada vez mais em direção ao irreal e ao delírio, culminando no fim do livro, quando é internado num hospital psiquiátrico e dúvidas perduram quanto à veracidade de seus encontros com James – configurando brechas para uma classificação de *estranho* nos estudos de Tzvetan Todorov (2010) –, enquanto que esse no castelo vivencia acontecimentos extraordinários e carentes de explicações, que podem sugerir a instabilidade de seu próprio psicológico.

Os personagens secundários e habitantes da pensão também se fazem presentes nestes aspectos. Das mais variadas origens e classes sociais, muitos deles revelam-se maus, preconceituosos, decadentes e/ou corruptos, como afirma Causo. Todas estas figuras reunidas

em um só ambiente, a pensão, colaboram para a decadência coletiva da casa e para algumas das crises de James ou do personagem narrador.

Menon também ressalta sobre isso: “um dos primeiros pontos a se notar sobre o ambiente é a recorrência de três espaços ‘góticos’ privilegiados: o castelo, o espaço religioso e a natureza.” (Menon, 2007, p. 30). Assim, *Esfinge* não fica para trás de outras obras góticas ao trazer todos esses elementos únicos. Sendo coerente dizer que a *Esfinge* se trata de uma obra gótica de horror, com características fantásticas e até mesmo de FC, tendo a ciência grande importância no seu desenvolvimento e sendo a principal causadora de hesitação e horror.

Como já dito, a obra tem seu desfecho dado por um mistério não solucionado, pois surge a suposição de que tudo não passou de um delírio do narrador. Porém, este fato não é confirmado e, logo, pode permanecer interpretada sob o olhar fantástico:

Coelho Neto, assim sintonizado com a ambiguidade fez ainda um bom proveito daquela "hesitação entre uma explicação natural e uma sobrenatural", de que fala Todorov. A história termina com o narrador que, após ser visitado por um espectro de James Marian - enquanto o inglês já estava embarcado em um navio com destino à Europa -, tem um colapso e passa algum tempo desacordado num hospício. Teria ele sonhado tudo aquilo, sugestionado pelo diário de James (ou texto ficcional?) entregue a ele para tradução?... (Causo, 2003, p. 116).

Para além das personagens, entra em jogo a subjetividade do leitor, que também experiencia a hesitação e decidirá escolher entre uma explicação ou outra. Consequentemente, concretizando esse final como estranho ou fantástico. Outros elementos constituintes do gótico, como temas relacionados à homossexualidade, o mito da criação, o tema do duplo encontrado na personalidade de James, que estão presentes em *Esfinge*, são trazidos por Menon em sua tese e serão tratados a seguir.

3 James Marian: peculiaridades e sexualidade

Durante a leitura de *Esfinge*, muito se especula acerca das verdades por trás da misteriosa figura do inglês James Marian. A rigor, o personagem é descrito como formoso e excêntrico. O narrador também comenta sobre James ser recluso e sempre fazer suas refeições em seu quarto ao invés de à mesa com os demais pensionistas. Apelidado de *Boneco* pelo comendador, por conta de seu “rosto de beleza feminina e suave”, como é narrado, a maioria dos pensionistas parece achar James sem educação e indiferente.

O desenrolar do livro começa quando um dia o narrador é despertado pelo anúncio de que o inglês iria almoçar à mesa, aquele então desce ao salão e encontra com esse na varanda. Os dois caminham pelo jardim e um pedido é feito por James ao narrador: que traduza uma *novela* de sua autoria. A partir daí um livro dentro do livro surge, alguns capítulos tratando de narrar o presente na pensão, enquanto outros a narrativa do próprio livro de Marian que é traduzido pelo narrador e que revela sua história.

A narrativa dos manuscritos misteriosos é ambientada num castelo onde, aparentemente, James morou até sua vida adulta. Mais personagens misteriosos são

apresentados, como o cientista Arhat, a cuidadora Dorka e outras criaturas frutos de experimentos científicos. O clímax dos manuscritos se dá quando Arhat e James começam um diálogo no parque do castelo e é revelada ao inglês sua origem:

Recolhi com os despojos ao meu gabinete de estudo e, examinando atentamente os corpos, reconheci que um era de menino, a esse a cabeça ficara em pasta informe; o outro, de menina, tinha o peito esmagado: era uma massa de carne espontada de astilhas de ossos, sangrando a jorros. Valendo-me das noções que possuo da Magna Ciência, como ainda encontrasse vestígios, ou melhor, manifestações da presença dos sete princípios, retive a força de jiva, ou princípio vital, fazendo com que ele atraísse os restantes que circulavam, em aura, em torno da carne e, com a pressa que urgia, aproveitei dos corpos o que não fora atingido. Tomando a cabeça da menina e adaptando-a ao corpo do menino, restabeleci a circulação, reavivei os fluidos e assim, retendo os princípios, desde o Athma, que é a própria essência divina, refiz uma vida, em um corpo de homem, que és tu.” (Neto, 1908, n.p.).

James é então confrontado com a sua própria realidade incomum: é um ser criado a partir dos cadáveres de um menino e uma menina, o que explica sua aparência descrita como viril em corpo e homem de rosto feminino; um andrógino. Arhat ainda continua e diz que mesmo observando James por anos, não conseguiu descobrir qual das *almas* prevaleceu, ou em outras palavras, qual gênero predominava. Ainda diz mais sobre as desavenças que o jovem encontrará em sua jornada em busca de si e de sua identidade *binária* – requisitada pelo padrão social corrente –, lançando sobre o jovem suas próprias considerações e especulações acerca de seus possíveis destinos trágicos, dizeres esses que se concretizarão durante toda a narrativa do livro,

Um pouco mais adiante o jovem narra sua vida após receber a fortuna do cientista e deixar o castelo para habitar o mundo exterior pela primeira vez, acompanhado de um homem encarregado pelo próprio Arhat de guiá-lo. Marian então relata sobre os diversos olhares maliciosos que recebia de homens, bem como os olhares escandalizados das mulheres. Seu conflito interior começa a crescer e o assola, não sendo capaz de compreender sua própria existência.

A esse respeito, Menon comenta em sua tese sobre os temas ligados à sexualidade e à homossexualidade fazerem presença em textos góticos justamente por fugirem do que é tido como normal para a sociedade. Logo, o duplo encontrado na pessoa do jovem andrógino, parte homem, parte mulher, torna-se elemento fantástico na obra, afetando também o comportamento das pessoas ao seu redor, que tomadas pela curiosidade ou atração irão se aproximar dele com intenções desconhecidas:

A ambigüidade excede o drama pessoal da personagem e percorre também a forma como os demais se relacionam com ela, num misto de admiração e aversão, de respeito e inveja, de atração e de repulsa físicas. Homens e mulheres sentem-se atraídos por James Marian, não se sabe até que ponto imbuídos de um interesse sexual ou tentados a decifrar o enigma em torno de sua misteriosa pessoa. (Menon, 2007, p.165).

O grande impasse se dá na necessidade de James de encaixar-se no gênero binário, isto é, o sistema social que limita os gêneros em homem e mulher. É fato que na época muitas noções de gênero que existem hoje em dia ainda não eram discutidas, nem imaginadas. No entanto, James Marian é hoje o retrato de várias possibilidades: a mulher trans, o homem trans, a pessoa não-binária, o(a) intersexual, entre tantos outros.

O personagem também revela ter tido interesse amoroso por um homem em certo momento de sua vida, o que poderia ser visto precipitadamente como homossexualidade, por envolver dois corpos masculinos, porém a orientação sexual é um espectro amplo e só pode ser nominada quando se tem conhecimento do gênero assumido pelo indivíduo.

Foi em Estocolmo que senti a minha desventura amando pela primeira vez e esse amor... esse amor só podia gerar-se em alma feminina. Assim... é minha irmã a vitoriosa em mim. Acolhido carinhosamente na intimidade de uma família nobre, cujo brasão rememora séculos, achei nos jovens representantes dessa casa augusta os melhores amigos que se me têm deparado. Eram gêmeos e lindos! O amor entrou comigo no coração virginal da donzela; era, porém, ao mancebo que minha alma se dedicava, ao mancebo que fizera de mim o confidente do seu amor. (Neto, 1908, n.p.).

Apesar de possivelmente estranha à época, hoje é possível dizer que *Esfinge* pode ser considerada menos distante da realidade, dadas as significativas evoluções no campo da psicologia, notadamente no que concerne às percepções acerca das identidades de gênero e sexualidade. Quanto à transgeneridade, a própria ciência médica tornou possível a redesignação sexual por meio de procedimentos cirúrgicos, e embora muitas pessoas transgêneras optem por não a realizar, por falta de oportunidade ou qualquer outro motivo, continuam sendo transgêneros – pessoas que não se identificam com seu gênero de nascença.

Segundo o psiquiatra George R. Brown, a algumas dessas pessoas, senão a maioria, ocorre o que a psicologia denomina *disforia de gênero*, caracterizada:

[...] quando a incompatibilidade percebida entre o sexo de nascimento e o sentido interno da identidade de gênero causa sofrimento significativo a alguém ou prejuízo funcional, um diagnóstico clínico de disforia de gênero pode ser apropriado. O diagnóstico é definido pelo sofrimento da pessoa, e não pela presença de incongruência ou identidade de gênero. [...] Pessoas com disforia de gênero grave podem experimentar sintomas graves, perturbadores e de longa duração. Geralmente têm forte desejo de mudar o corpo por meios clínicos e/ou cirúrgicos para que seus corpos se alinhem mais estreitamente com sua identidade de gênero. (Brown, 2017, n.p.).

Alguns sintomas podem ser observados em James, mas é impossível afirmar tal fato sobre o personagem. No entanto, como Menon (2007) pontua, o personagem revela se identificar com o gênero feminino em dado momento da história e, em seguida, parte para o Rio de Janeiro, em busca de se identificar também com o gênero masculino, o que parece não ocorrer ao final da obra, concretizando-se assim a sentença de Arhat quanto a James, de que esse viveria acompanhado da discórdia que sua duplicidade trazia:

O dilema de James Marian (nome bastante ambíguo) não é, portanto, o de uma criatura rejeitada pelo criador, mas o de uma pessoa de sexualidade dividida, que não encontra lugar no seu contexto social. Nos últimos capítulos, o leitor fica sabendo que James havia, ao longo de sua trajetória, fixado para si uma identidade feminina. Diante disso parece correto enxergar em *Esfinge* uma reflexão simpática e eficaz - apesar do equívoco representado pelo estilo excessivo - sobre a transexualidade e o homossexualismo. (Causo, 2003, p. 115).

A transgeneridade em James, portanto, é mais complicada de ser entendida, uma vez que esse apresenta ambos os gêneros binários em seu corpo físico e não passou pelo processo comum de nascimento biológico. Logo, tal condição no personagem mostra-se em momentos diversos e, de certa maneira, em dobro.

Edith Modesto, doutora em semiótica e linguística geral, em seu trabalho *Transgeneridade: um complexo desafio*, conceitua:

[...] acontece a transgeneridade quando a identidade de gênero, que as pessoas sentem ter, discorda do que aparenta sua conformação biológica, como meninos ou meninas, realizada no momento do seu nascimento, parâmetro de atribuição de gênero, masculino ou feminino. (Modesto, 2013, p. 50).

Assim, tomando como pré-requisito a não identificação da pessoa com seu gênero de nascença para que essa seja transgênero. Considerando que James *nasceu* com ambos, pode-se dizer que, quando ele não se identifica com o gênero masculino, ali está a transgeneridade. Quando não se identifica com o gênero feminino, ali ela também está. Quando não se identifica com nenhum dos dois ou transita entre eles, ali ainda há a transgeneridade, que abrange as pessoas não-binárias – isto é, aquelas que não se conformam com a binariedade (masculino e feminino).

Ainda em sua pesquisa, Modesto diz:

Numa construção discursiva do gênero, histórico-sociológica, partimos da explicação de sociedades fundadas no binarismo, homem/mulher, resultado do entendimento naturalizado, essencialista, de gênero: as pessoas são homens (machos) ou mulheres (fêmeas), biologicamente, portanto, masculinas ou femininas, conceitos estendidos ao social e baseados na categorização ideológica dos fenômenos, como normais, se assim for, ou patológicos, se não for. Desse modo, as pessoas transgêneras são consideradas doentes, sejam heterossexuais ou homossexuais. Ainda hoje, as nomenclaturas binárias descrevem e classificam as práticas sexuais e o entendimento de gênero é baseado, hipocritamente, no sexo considerado normal, se for aquele que visa à procriação. (Modesto, 2013, p. 51).

Apesar de mais de um século ter se passado desde a publicação da obra de Coelho Neto, é possível notar que pessoas cujas condições se assemelham às de James ainda são vistas, por muitas vezes, com o mesmo estranhamento que a maioria das personagens apresentam no livro. Considerado “monstruoso” e autodeclarado como “absurdo e inconcebível”, o personagem

reproduzia sobre si o que era dito e imposto por aqueles ao seu redor.

Em sua pesquisa “Perspectivas sobre a identidade de gênero e transgeneridade na sociedade: uma visão psicossocial”, William Dums (2023) traz um apanhado de materiais e dados estatísticos concernentes à situação de vulnerabilidade de pessoas trans no mundo, fazendo recortes no Brasil e na América Latina. As amostras do corpus revelam que “homens e mulheres transgêneros possuem o dobro de probabilidade de serem agredidas que as cisgêneros” (p. 08), além do índice de assassinatos de pessoas trans ser de 78,8% na América Latina, sendo que a “perspectiva mundial de vida deste público mundialmente é de 35 anos de idade.” (Malta *et al.*, 2019 *apud* Dums, 2023, p. 08).

A exposição desses dados revela que, apesar dos avanços consideráveis desde o século XX, a sociedade ainda precisa evoluir muito em relação ao preconceito com pessoas que fogem dos padrões binários, pois elas ainda são alvo de violência e acometidas com depressão e ideias suicidas. Apesar da transformação da ciência e do discurso afastarem o caráter ‘insólito’ associado às pessoas trans, ainda se mantém a ameaça de um discurso antiquado e repleto de ódio, que enxerga essa minoria como repulsiva. Isso porque “[o] conceito heteronormativo de homem e mulher suprime e restringe a variação de gênero, o que é considerado um evento natural e não patológico.” (Dums, 2023, p.08).

Pode-se concluir, por outro ponto de vista que, na obra, James Marian não é sobrenatural e temeroso somente por ter surgido de um experimento – pois muitos nem chegam a ter conhecimento deste fato – mas, principalmente, porque é visto assim pela sociedade representada no livro e a exterior a ele, onde o leitor está inserido. São os personagens ao redor e a sociedade real que colaboram para a construção da personagem do jovem inglês como elemento insólito, o que não quer dizer propriamente que esse o seja em sua essência, pois, nesse caso, está na incompreensão e nos preconceitos reproduzidos dentro e fora do livro que acabam por influenciar o próprio discernimento de quem está lendo.

Reforçando o que Modesto diz,

a área da sexualidade e gênero, sobretudo, é discursivamente manipulada bio politicamente, visando atender aos interesses de uma sociedade controladora, heteronormativa compulsória, onde só pode existir o dualismo de gênero, com predominância, ainda, do poder masculino [...] A transgeneridade está sendo inventada discursivamente como patologia, pois, atualmente, as pessoas transgêneras são consideradas doentes, não somente no Brasil, mas no mundo todo. (Modesto, 2013, p. 60 e 62).

James e aqueles semelhantes a ele são vistos com espanto e tidos como não normais por uma questão de construção social, já que a própria transgeneridade surge em dados momentos para classificar essas pessoas num estado patológico que foge do que é ensinado cultural, histórica e socialmente.

Por fim, corroborando com o que Menon diz sobre a presença desses temas em obras góticas, Gustavo Krieger Vasquez (2022), em seu trabalho “O gótico no regionalismo de Coelho Neto: uma forma de representação e compreensão”, ainda afirma que o estilo gótico permite a discussão de temas sensíveis, por abordá-los de uma forma sutil, quase que disfarçada. Dessa maneira, em *Esfinge*, o leitor do século XX é envolvido, sem perceber, em uma jornada *queer* de autodescobrimento construída sob o pretexto do fantástico.

O gótico, como estilo perene na literatura, permite tratar de questões sensíveis, ocultando, em camadas de mistério e esoterismo, problemas difíceis de ser enfrentados diretamente na sociedade vigente, como se exemplifica pelo caso de *Esfinge* e a questão sobre sexualidades que fogem ao padrão da heterossexualidade e do gênero binário. (Vasquez, 2022, p. 90).

Em outras palavras, as narrativas góticas criam um ambiente propício para explorar temas que podem ser tabu ou difíceis de discutir abertamente na sociedade contemporânea. O exemplo citado, envolvendo a questão das sexualidades não normativas, mostra como o gótico pode oferecer um espaço para reflexão e representação de experiências marginalizadas ou invisibilizadas.

4 Considerações finais

Levando-se em consideração os apontamentos de Roberto de Sousa Causo (2003) e Maurício Cesar Menon (2007), conclui-se, portanto, que *Esfinge* (1908) é uma obra híbrida que contém aspectos de horror gótico, carregada também de elementos da literatura fantástica e da FC.

Por se passar durante a chamada *Belle Époque*, a obra é permeada de cientificismo, enquadrando-se na Ciência Gótica descrita por Bráulio Tavares e que se encarrega neste momento de cumprir o dever que antes era unicamente do sobrenatural: causar medo. Porém, para isso, essa ciência também é envolta em mistérios e não necessariamente explicada nem repleta de sentidos lógicos. Fator que a aproxima do fantástico e que a torna tão sobrenatural quanto as obras sobre fantasmas, monstros etc.

Além da ciência como elemento insólito, as circunstâncias do personagem James Marian, seus conflitos quanto à sexualidade e gênero, como também as considerações sociais sobre estes, tornam-se as principais constituintes da hesitação durante a leitura. Sendo um ser criado da junção de um cadáver feminino e outro masculino, o personagem entra em um infindável dilema pessoal que decorre do início ao fim do livro. E, mesmo antes de tal fato ser revelado, a pessoa de James Marian está ora ou outra se fazendo presente entre os demais personagens, incitando especulações e causando mistério por onde passa.

A obra é inovadora ao tratar claramente de temas tangentes à diversidade sexual e dos gêneros numa época em que tais assuntos eram tabu. Coelho Neto constrói uma história que se faz fantástica por meio de seus próprios personagens e suas personalidades atípicas, os relacionamentos que eles desenvolvem entre si, bem como o contexto social influenciando em preconceitos. *Esfinge* é uma leitura do século XX, porém atual e importa que seja conhecida e estudada.

Apesar de não se saber as verdadeiras intenções de Coelho Neto por trás desta peça, é visto que esbanja representatividade não só social, mas nacional, que possibilita interessantes discussões sobre diversificados assuntos. O estudo da obra permite analisar de forma crítica os percalços da luta trans, os seus avanços e as suas urgências. Coloca em xeque que para boa parte da população o modo de enxergar as pessoas trans ainda é o mesmo do século XX e é, portanto, necessário combater o insólito que insiste em cercar essas existências.

Esfinge propõe ao leitor uma gama de possibilidades quanto ao *ser humano*, trazendo ao leitor de forma sutil, ou brutal, diferentes ângulos de onde enxergar-se a existência não só de James Marian, mas de si mesmo e dos demais ao seu redor, estendendo o leque binário a um espectro mais amplo de perspectivas. Coelho Neto convida seu leitor a encarar a pluralidade do ser e do amar, sem esconder o *horror* que alguns podem sentir diante disso e que, infelizmente, ainda prevalece na atualidade. Defrontar-se com essa leitura e vislumbrar a realidade que ela carrega é, no entanto, uma experiência que pode gerar transformação.

5 Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a minha orientadora Naiara Sales Araújo pela atenção e suporte prestados para a produção deste e outros trabalhos.

Aos meus professores de Literatura do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão pela excelência da qualidade técnica de cada um.

E, por fim, aos meus amigos que compartilham da mesma paixão pelas Letras e me apoiam incondicionalmente.

Referências

Araújo, N. S. (org.). *Ficção Especulativa: Narrativa Fantástica, Ficção Científica e Horror em Foco*. São Luís: EDUFMA, 2021.

Brown, G. R. *Disforia de gênero e transexualismo*. Tennessee, 2017. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-pt/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/sexualidade,-disforia-de-g%C3%AAnero-e-parafilias/disforia-de-g%C3%AAnero-e-transexualismo>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Causo, R. de S. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil – 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 337 p.

Dums, W. Perspectivas sobre a identidade de gênero e transgeneridade na sociedade: uma visão psicossocial. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, [S. l.], v. 14, n. 1, 2023. DOI: 10.61164/rmm.v14i1.2017. Disponível em: <<https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/2017>>.

Krieger Vazquez, G. O gótico no regionalismo de Coelho Neto: uma forma de representação e compreensão. *Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 74, p. 89–100, 2022. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/13432>>.

Malta, M. et al. HIV/AIDS, direitos humanos e pessoas trans na América Latina. *Lanceta Saúde Pública*, v. 4, n. 6, jun. 2019. Doi: [https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(19\)30082-9](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(19)30082-9).

MENON, M. C. *Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932*. Orientador: Almir Aquino Corrêa. 2007. 257 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000123280>>. Acesso em: 29 jun.

2020.

Modesto, E. Transgeneridade: um complexo desafio. *Via Atlântica*, n. 24, p. 49-65, 24 dez. 2013.

Neto, Coelho. *Esfinge* (Clássicos Essenciais). Editora Vermelho Marinho. Edição do Kindle.

Tavares, B. (org.) *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.

Todorov, T.; Castello, M. C. C. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Recebido em: 07/02/2024

Aceito em: 20/06/2024